



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10883 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

Verificação contemporânea da amizade pedagogizada

Luiz Guilherme Augsburger - UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina

Ana Maria H. Preve - UDESC - UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES/UDESC

## VERIDICÇÃO CONTEMPORÂNEA DA AMIZADE PEDAGOGIZADA

Em 24/7, Jonathan Crary (2014) aponta a paulatina apropriação do tempo em sua totalidade pelo capitalismo. A isso soma-se a simultânea apropriação da totalidade do espaço – desde fábricas, casas, parques, hospitais e escolas até a subjetividade e a intimidade. Tais avanços codificam a constituição do sujeito contemporâneo, seja através de elementos de interesse público, como as práticas pedagógicas – *e.g.*, a neoliberalização da escola (LAVAL, 2019) –, seja através de elementos do foro privado, como as relações de amizade (AUGSBURGER; PREVE, 2020). O interesse sobre formação desse sujeito estendeu-se cada vez mais sobre a subjetividade humana e passou a englobar não apenas as chamadas “*hard skills*” (*i.e.*, habilidades técnicas e ligadas ao raciocínio lógico), mas também as “*soft skills*” (*i.e.*, habilidades comportamentais, ligadas à “inteligência emocional”). Nesse ínterim a amizade passou de uma fonte de problemas escolares (*viz.* indisciplina, falta de atenção e baixo rendimento) a um objeto de interesse, atuação e utilização das estratégias e saberes pedagógicos. A esse acontecimento demos o nome de “amizade pedagogizada”.

A amizade, tanto infantil quanto adulta, visível e dizível desde o território da pedagogia é, pois, um acontecimento na história da amizade (e da educação), posto que não está presente, de forma significativa, na pedagogia moderna antes do século XX, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial. Esse estudo pretende contribuir para uma crítica de tal acontecimento e de suas reverberações na ontologia do presente. Dessa feita, o escopo desse estudo são as condições de “veridicção” da amizade pedagogizada.

A noção de “veridicção” como operador analítico aqui é apoiada no uso que o filósofo Michel Foucault faz dela em diferentes cursos, concernindo a um deslocamento nas pesquisas

do autor e em sua relação com questão da verdade:

[...] pareceu-me que se quiséssemos efetivamente estudar a experiência como matriz para a formação dos saberes, seria preciso tentar não analisar o desenvolvimento ou o progresso dos conhecimentos, mas identificar quais eram as práticas discursivas que poderiam constituir as matrizes de conhecimentos possíveis, estudar nessas práticas discursivas as regras do verdadeiro e do falso e, *grosso modo*, se preferirem, as formas da veridicção. [...] Do conhecimento ao saber, do saber às práticas discursivas e às regras de veridicção, esse é deslocamento que tentei fazer durante certo tempo. (FOUCAULT, 2009, p. 5-6)

A veridicção, então, desloca o foco do estudo da veracidade de um conhecimento, das formações de saberes e de uma possível “análise discursiva” para estudar as práticas discursivas a partir de suas regras veridiccionais – *i.e.*, “um regime de verdade, o qual reparte o verdadeiro e o falso.” (FOUCAULT, 2004a, p. 22). Ao analisar a formação das práticas de governo liberais e neoliberais, o autor francês, por exemplo, constata o lugar que o mercado ocupou na veridicção da governamentalidade moderna: “é exatamente o mecanismo natural do mercado e a formação de um preço natural que vão permitir [...] falsificar e verificar a prática governamental.” (FOUCAULT, 2004a, p. 33) É o mercado, então, que permite julgar como verdadeiros ou falsos, mas também como adequados ou inadequados, um governo e suas estratégias de condução da conduta da população e dos indivíduos.

O que a noção de veridicção põe em jogo, pois, é a substituição da “história dos conhecimentos pela análise histórica das formas de veridicção” (FOUCAULT, 2009, p. 7), ou seja, não se trata de avaliar a “o desenvolvimento ou o progresso dos conhecimentos” em direção à verdade, mas compreender sob quais condições dada prática pode ser concebida como verdadeira. Nesse sentido, não é do escopo dessa pesquisa validar a amizade pedagogizada ou averiguar sua veracidade e efetividade enquanto ferramenta pedagógica, mas de compreender o funcionamento de seu “regime de verdade”, de seu plano de *veridicção*. O objetivo é ensaiar uma análise das regras de inclusão, exclusão, enunciação, validação e normalização que constituem essa amizade pedagogizada e que tornam, assim, legítima, verdadeira e mesmo possível uma amizade pensada a partir da pedagogia e como componente pedagógico.

Em sua pesquisa sobre amizade infantil, em meados dos anos 1980, William A. Corsaro (1985, p. 121) afirma que “o interesse nas amizades infantis tem aumentado drasticamente nos últimos anos, resultando em um crescimento no número de pesquisas [...] e várias teorias desenvolvimentistas da amizade”. Esse interesse enfocava, sobretudo, na amizade infantil no âmbito escolar, uma vez que esse é o *locus* privilegiado não só de educação e formação da criança, mas também é onde ela passa tempo considerável de seus dias, até a vida adulta. Nesse ínterim, a amizade emerge como possibilidade de ferramenta pedagógica e como objeto de estudos científicos e práticas educacionais.

Em um primeiro momento, a amizade aparece como algo conflitante com os interesses pedagógicos e com o funcionamento do espaço escolar, sendo amiúde objeto de desconfiança ou desprezo. Tal fenômeno é bem documentado em filmes como *Garotas de Uniforme* (1931), *Os Incompreendidos* (1959), *Se...* (1968) e *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989). Esses filmes retratam, *mutatis mutandis*, a tensão existente entre a amizade infantil e as práticas pedagógicas e a dinâmica escolar, sobretudo colocando a amizade como um problema para o disciplinamento da criança, como forma de inseri-la em uma população normalizada. Não obstante a ratificação da “amizade problemática”, ela vai paulatinamente sendo recoberta por aquela da amizade como componente pedagógico, presente em pesquisas científicas (EAGLE; PENTLAND; LAZER, 2009) e escritos pedagógicos (BERNDT; LADD, 1989; CORSARO, 1985), assim como de filmes, a partir dos anos 1990 – *e.g.*, *Machuca* (2004), *Stella* (2008) e *Luca* (2021).

A partir da segunda metade do século XX, mas com mais força depois dos anos 1980, a amizade ganha força como objeto de interesse positivo (*i.e.*, não tanto algo a ser anulado, mas ao qual se dá lugar no mundo, constituindo-o e o instituindo) no território pedagógico, visível amplamente em artigos científicos. Exemplar, nesse sentido, é a síntese de outros trabalhos da área feita por Willard W. Hartup (HARTUP, 1992). Nesse resumo, encontramos as “funções da amizade” em “contextos de educação” como elemento para o “desenvolvimento cognitivo e social da criança” e seu “ajuste à escola” (HARTUP, 1992, p. 2), vista, sobretudo, como um “recurso emocional e cognitivo”, como parte da “tutoria, colaboração e modelagem entre pares”, da “aprendizagem cooperativa” e como base para as relações subsequentes, na vida adulta (HARTUP, 1992, p. 3-4). A pedagogização da amizade como a vemos hoje, contudo, tem sua consistência veridiccional assentada sobre ao menos três linhas de força: (1) “psicologização” da amizade, (2) computação da amizade; (3) capitalização da amizade.

A linguagem utilizada nesse resumo torna evidente a primeira linha de força, à qual damos o nome, um tanto quanto parcial e precário, de “psicologização” da amizade. De fato, os “saberes psi” não possuem uma unidade ou uma homogeneidade de fácil circunscrição, mesmo em torno dessa espécie de núcleo comum do “*self*” (ROSE, 1998), contudo, o termo “psicologização” como usamos aqui remete à emergência de uma veridicção amical a partir da articulação das noções de “comportamento” e “cognição”. Vale sublinharmos que com isso não remetemos nem a uma totalização dos saberes psi, nem a uma redução às teorias cognitivo-comportamentais, haja vista que os efeitos e a linguagem dessa “psicologização” são transversais às ciências do Homem (FOUCAULT, 1966; ROSE, 1998).

Nessa psicologização, a amizade, que ao longa da história do ocidente vinha sendo tratada como um tema da filosofia moral e concernente à alma – substância imaterial, divina e inescrutável em sua totalidade –, passa a concernir à psiquê, à mente, ao comportamento, à cognição, enfim, ao *self* e, por conseguinte, torna-se objeto de outros saberes que não a filosofia, inclusive e mormente, objeto da ciência (ROSE, 1998). De sublime aliança das almas similares (MONTAIGNE, 1595) ou de relação entre pessoas sábias e virtuosas

(VOLTAIRE, 1764), a amizade converte-se, especialmente dentro da pedagogia, em relação que propicia a autorrevelação (*self-disclosure*), em que os amigos são:

recursos emocionais, tanto por se divertirem quanto por adaptar ante o estresse; recursos cognitivos para a aquisição de conhecimento e capacidade solução de problemas; contextos em que competências sociais básicas (por exemplo, comunicação social, cooperação e habilidade para entrada em grupos) são adquiridas ou elaboradas; e precursoras de relações subsequentes. (HARTUP, 1992, p. 2-3)

Eis uma amizade colonizada por temas como “diversão”, “adaptação”, “estresse”, “recursos cognitivos”, “capacidades”, “solução de problemas”, “competências”, e mesmo “resultados de desenvolvimento”, no interior de uma pedagogia pautada na aprendizagem e desenvolvimento socioemocional. Essa pedagogia focada na aprendizagem (de *hard* e *soft skills*) permite que a educação, assim como a amizade, seja mensurável em termos de eficiência (BIESTA, 2017; LAVAL, 2019).

O par comportamento-cognição (e seus derivados) também tornou a amizade veridizível em termos de cálculo e resolução de problemas, ou seja, possibilitou a *computação* da amizade. A partir do segundo terço do século XX, a computação, mormente a partir da Análise de Redes Sociais, vai fazendo inteligível e analisável uma variedade cada vez maior de aspectos das “ciências do Homem” e, por conseguinte, das relações amicais (FREEMAN, 2004). Lançando mão de categorias como “comportamento”, “cognição”, “habilidades”, “competências” etc., as pesquisas científicas são capazes de captar a amizade, traduzi-la em dados, computá-los, analisá-los, para então, retraduzi-los em linguagem não-matemática. Esse processo não é apenas uma matematização *lato sensu* da amizade, mas atua especificamente por meio da computação, cuja proposição é a resolução de problemas através do processamento de dados (*inputs/outputs*) e sua aplicação abrange, inclusive, a gestão escolar (AYDIN; PERDAHCI, 2019b) e as práticas pedagógicas (LOPONTE, 2009).

Essa “computação” das relações humanas insere-se naquilo que M. Foucault (2004b) chamou de “biopolítica”, emergente no século XVIII, mas que tomou sua forma contemporânea a partir do neoliberalismo enquanto lógica de governo de si e dos outros (FOUCAULT, 2004a). A “condução das condutas” das populações por meio de estatísticas e cálculo de risco, então, sofre transformações, por um lado, devido ao avanço tecnológico e aumento da capacidade de coleta e processamento de dados e, por outro, pela mudança na “escala” de alcance e de atuação dessa computação, em que a lógica de previsibilidade e governação passa a ser aplicável em indivíduos e a ser personalizável a eles. A personalização do mundo é um fenômeno cada vez visível na educação contemporânea (LAVAL, 2019), mas também vai produzir seus efeitos na amizade – já não há “a” amizade, mas amizades particularizadas a partir dos perfis dos indivíduos.

A conversão da amizade em comportamentos e competências a faz não só

computável, mas veridizível desde a computação. Essa linha de força computacional codifica o que é a amizade, mas também permite determinar com grande precisão quem é e quem será amigo de quem e como, através da amizade, formar e alterar comportamentos com maior eficácia (EAGLE; PENTLAND; LAZER, 2009). A técnica computacional, com esse nível tecnológico, vai articular-se com os processos de capitalização do ser humano, trazidos pela governamentalidade neoliberal (DARDOT; LAVAL, 2010; ZUBOFF, 2019), potencializando seu alcance, tanto a nível global, quanto no nível das minúcias subjetivas.

Na terceira linha de força que dá consistência à amizade pedagogizada, o ser humano é veridizível como “empresa de si”, e o é não apenas em sua materialidade e racionalidade, mas também em seus aspectos cognitivos, comportamentais e emocionais (DARDOT; LAVAL, 2010). Nesse cenário, a amizade passa a ser veridizível como um investimento do indivíduo, esse que pensa a si mesmo com *homo aeconomicus*, que “não é o homem de troca, não é o homem consumidor, [mas sim] o homem da empresa e da produção” (FOUCAULT, 2004b, p. 152) e é através desse cálculo “capitalizado” que ele vai avaliar as amizades como úteis, eficientes e/ou boas. Exemplar disso é a introdução do livro *Marketing da amizade* (BARON, 1997, p. xi): “Você está prestes a descobrir que o negócio dos negócios é fazer amigos e o papel de gerentes e empregados é fazer amigos. Mesmo para além dos negócios, nossas vidas podem enriquecer se despenderem mais tempo construindo amizades.”

A capitalização da amizade está tanto em seu uso pelas empresas em benefício próprio – aumentando a “efetividade das relações de trabalho”, diminuindo o “estresse organizacional”, apoiando os sujeitos na inovação e produzindo um “clima que permita o exercício da criatividade nas empresas” (SOUZA; GARCIA, 2008, p. 241) –, quanto no uso dos amigos no interior da empresa – para galgar na carreira e melhorar seu *status* no interior da empresa, bem como ampliar sua rede de contatos (*networking*) e influência no mercado de trabalho. Em suma, a todo um uso estratégico da amizade no território empresarial. A capitalização da amizade também aparece no modo com o mercado faz uso do “amigo” como sujeito de consumo (ALMAATOUQ *et al.*, 2016) e da amizade como mote de livros de autoajuda empreendedores (CARNEGIE, 2012).

Com o avanço da lógica e das demandas empresariais sobre a escola e a formação de sujeitos, essa capitalização da amizade vai adentrar o espaço escolar e o modo com a amizade é pensada pedagogicamente pelos profissionais da educação e pelos pais, incidindo sobre a decisão de em que escola colocar os filhos, quais metodologias de ensino aplicar, quais habilidades e comportamentos estimular. Isso através de um cálculo de investimento tanto nos *hard* e *soft* skills que uma educação propicia, quanto no “*networking*” amical que a escola pode proporcionar.

Nos territórios educacionais, essa veridificação capitalizada, valendo-se das noções “psi” e das ferramentas de computação, orienta as práticas pedagógicas e a gestão escolar em sua verdade ou pertinência. Nesse cenário, a amizade vai ser absorvida pela pedagogia e posta em funcionamento em favor do desenvolvimento de competências, da melhora do desempenho

escolar e das futuras relações que o sujeito escolar desenvolverá. Essa amizade aparece como tema de livros didáticos – aprendizagem com o amigo (VESENTINI; MARTINS; PÉCORA, 2011) –, como instrução aos professores – uso da amizade para melhorar o desempenho escolar (FLASHMAN, 2012) –, como estratégia de gestão escolar – ampliação da rede de amizade dentro da escolar para a diminuição do conflito e aumento da eficiência da gestão (AYDIN; PERDAHCI, 2019b).

A variedade de formas pelas quais a amizade é veridizível pedagogicamente está alicerçadas em três linhas de força (*viz.* psicologização, computação e capitalização) que, se num primeiro momento, elas, estrangeiras à pedagogia, adentram-na para recodificá-la, num segundo momento, essa nova pedagogia se desdobra sobre a sociedade, numa “educação para toda a vida” (LAVAL, 2019). Esse movimento leva consigo a amizade pedagogizada para fora dos muros da escola, fazendo funcionar nos mais diversos espaços (e tempos) uma relação amical na qual seu valor e sua veracidade estão na utilidade que ela tem para a educação permanente dos amigos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amizade. Educação. Pedagogia. Veridicção.

## REFERÊNCIAS

- ALMAATOUQ, A. et al. Are You Your Friends' Friend? Poor Perception of Friendship Ties Limits the Ability to Promote Behavioral Change. **PLoS ONE**, v. 11, n. 3, p. 1-13, Mar. 2016.
- AUGSBURGER, L. G.; PREVE, A. M. H. Amizade, pedagogia e neoliberalismo: a veridicção neoliberal e suas ressonâncias em uma amizade pedagogizada. **RAE**, v. 6, n. 3, p. 266-79, 2020.
- AYDIN, M. N.; PERDAHCI, Z. N. School-wide friendship metadata correlations. **Computers & Education**, v. 129, p. 159-173, 2019b.
- BARON, G. R. **Friendship marketing: growing your business by cultivating strategic relationships**. Granst Pass, US: The Oasis Press, 1997.
- BERNDT, T. J.; LADD, G. W. **Peer relationships in child development**. New York, US: Wiley, 1989.
- BIESTA, G. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CARNEGIE, D. **Como fazer amigos e influenciar pessoas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CORSARO, W. A. **Friendship and peer culture in the early years**. Norwood, US: Ablex Publishing Corporation, 1985.

CRARY, J. **24/7: terminal capitalism and the ends of sleep**. London, UK: Verso Books, 2014.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **La nouvelle raison du monde: essai sur la société néolibérale**. Paris: La Découverte, 2010.

DEAD Poets Society. Direção: Perter Weir. USA: Touchstone Pictures. 1989.

EAGLE, N.; PENTLAND, A. S.; LAZER, D. Inferring friendship network structure by using mobile phone data. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 106, n. 36, p. 15274-8, 2009.

FLASHMAN, J. Academic Achievement and Its Impact on Friend Dynamics. **Sociology of Education**, v. 85, n. 1, p. 61-80, 2012.

FOUCAULT, M. **Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines**. Paris: Gallimard, 1966.

FOUCAULT, M. **Naissance de la biopolitique: cours au Collège de France (1978-1979)**. Paris: Gallimard, 2004a.

FOUCAULT, M. **Sécurité, territoire, population: cours au Collège de France (1977-1978)**. Paris: Gallimard, 2004b.

FOUCAULT, M. **Le courage de la vérité: Le gouvernement de soi et des autres II: cours au Collège de France (1983-1984)**. Paris: Seuil; Gallimard, 2009.

FREEMAN, L. C. **The Development of Social Network Analysis: A Study in the Sociology of Science**. Vancouver, CA: Empirical Press, 2004.

HARTUP, W. W. Having friends, making friends and keeping friends: Relationships as Educational Contexts. **ERIC Digest**, Urbana, US, 1992. 1-5. Disponível em: <https://eric.ed.gov/?id=ED345854>. Acesso em: 19 abr. 2018.

HARTUP, W. W.; LAURSEN, B. Contextual Constraints and Children's Friendship Relations. **Biennial meetings of the Society for Research in Child Development**, Kansas City, US, p. 1-24, Apr. 1989.

IF.. Direção: Lindsay Anderson. United Kingdom: Paramount British Pictures. 1968.

LAVAL, C. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução de Mariana Echalar. 1a. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LES Quatre Cents Coups. Direção: François Truffaut. France: Cocinor. 1959.

LOPONTE, L. G. Amizades: o doce sabor dos outros na docência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 138, p. 919-938, dez. 2009.

LUCA. Direção: Enrico Casarosa. USA: Walt Disney Studios. 2021.

MACHUCA. Direção: Andrés Wood. Chile: Wood Producciones. 2004.

MÄDCHEN in Uniform. Direção: Leotine Sagan. Deutschland: Bild und Ton GmbH. 1931.

MONTAIGNE, M. D. **Essais**. Paris: Abel L'Angelier, 1595.

ROSE, N. **Inventing our selves: psychology, power, and personhood**. Cambridge:

Cambridge University, 1998.

SOUZA, E. M. D.; GARCIA, A. Amigos, amigos: negócios à parte? **Revista de Administração**, v. 43, n. 3, p. 238-49, set. 2008.

STELLA. Direção: Sylvie Verheyde. France: Diaphana Films. 2008.

VESENTINI, J. W.; MARTINS, D.; PÉCORA, M. **Ápis: história**. São Paulo: Ática, 2011.

VOLTAIRE. **Dictionnaire philosophique, portatif**. London: [editora desconhecida], 1764.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism: the fight for a human future at the new frontier of power**. London, UK: Profile, 2019.